

A Comunicação Passional dos Fãs: Expressões de Amor e de Ódio nas Redes Sociais¹

João Freire Filho²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Apresento, neste artigo, as conclusões parciais de um estudo sobre a majoritária ala feminina das comunidades de fãs e de antifãs de quatro expoentes do mercado musical juvenil: as cantoras estadunidenses Demi Lovato, Miley Cyrus, Selena Gomez e Taylor Swift. Todas elas possuem legiões de admiradoras e de detratoras no Brasil, sempre dispostas a exprimir afinidades e aversões por intermédio de textos, imagens e vídeos postados em plataformas como Facebook, Tumblr e Youtube. Quais são os argumentos morais e os recursos expressivos adotados para expressar amor e ódio pelas estrelas do *pop* internacional? Que conexões significativas se pode estabelecer entre a comunicação passional das fãs e a prevalência de certos ideais de *autenticidade* e de *feminilidade*? Estas são algumas das questões inter-relacionadas que pretendo responder ao longo do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Fã; Antifãs; Emoção; Gênero; Redes Sociais.

A escolha do tema central dos congressos da Intercom em 2013 — “*Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*” — é extremamente oportuna: estimulará, sem dúvida, a renovação das pesquisas em nosso campo científico, sintonizando-as com a “guinada emocional” já empreendida por outras disciplinas. Conforme assinala Woodward (1996, p.759), as emoções se tornaram um “assunto palpitante” no mundo acadêmico. Filósofos, antropólogos, sociólogos e historiadores vêm questionando, desde o começo dos anos 1980, o sistema hierárquico no qual as emoções figuram como *agitações ancestrais, ruídos primitivos*, cujo extravasamento prejudica a regência da razão e tumultua a harmonia social.

A edição de 1813 do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio Moraes Silva, oferece, a propósito, uma definição lacônica de *emoção*, mas que desvela o esquecido embasamento político do termo: “*Emoção*. Motim, alvoroço, união do povo.” (p. 664). O *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832), de Luiz Maria da Silva Pinto, reitera a informação, de modo ainda mais sucinto: “*Emoção*. Alvoroço, motim de povo.” (p. 402). Tais compilações registram somente um dos significados que o vocábulo *emoção* já comportava em outros idiomas. É o que nos revela, por exemplo, a primeira edição do

¹ Trabalho apresentado no GP Ciberultura do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da ECO/UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D.

Dictionnaire de L'Académie Française (1694): “*Emoção*. Alteração, perturbação, movimento de excitação dos humores, dos espíritos, da alma. Denomina-se *emoção popular* uma revolta do povo, com pequena duração.” (p. 99). Ao consultarmos o *Dictionnaire universel* (1727), de Antoine Furetière, fica mais nítido o deslocamento da *emoção* do terreno semântico dos *tumultos sociais* (classificados, no português contemporâneo, de *comoções*) para o do campo dos *abalos fisiológicos, afetivos* ou *morais*:

Emoção. Medo, inquietação, tremor, alvoroço, movimento extraordinário que agita o corpo ou o espírito, e que perturba o temperamento ou a estabilidade. A febre é percebida pela *emoção* do pulso. Um exercício violento causa *emoção*. Um homem apaixonado sente *emoção* ao ver sua amada; um homem corajoso, ao ver seu inimigo. *Um juiz deve ser calmo e isento das emoções do ódio e da cólera. Não é a razão que toca os espíritos grosseiros e que os faz agir — é a emoção, e o ardor com que ela consegue abordá-los*. Utiliza-se, também, para referir-se a um começo de rebelião. É perigoso estar no meio de uma *emoção* popular (p. 193).

A medievalista Barbara Rosenwein chamou de “teoria hidráulica” o entendimento das emoções como transbordamentos instintivos, forças explosivas, energias ou pulsões imprevisíveis, cuja “descarga” precisa ser contida, controlada ou canalizada (Rosenwein, 2007, p. 13 e 33). O “paradigma hidráulico” de compreensão da dinâmica emotiva provém do humoralismo, doutrina médica fundamental para a compreensão da saúde e do temperamento humano, até o século XIX. Posteriormente, o modelo “hidráulico” se perpetuou, em várias disciplinas, graças à influência das descrições do processo civilizador formuladas por Freud e por Norbert Elias (Doménech, 2012, p. 174).

Em inumeráveis contextos históricos e políticos, a “teoria hidráulica das emoções” contribuiu para justificar a ascendência do homem branco maduro (ajuizado, estável, autônomo) sobre as mulheres, os jovens e o “populacho”, entre outras criaturas “primitivas”, caracterizadas pela emotividade e, por conseguinte, pela conduta insensata e inconstante. Contraopondo-se a esta valoração esquemática, pesquisadores das áreas das humanidades e das ciências sociais têm ressaltado o papel crucial das emoções em todos os aspectos de nossa existência. “As emoções não são apenas aqueles surtos espasmódicos de sentimento que surgem em resposta a estímulos externos”, pondera Walton (2007, p. 20). “Elas são os alicerces sobre os quais repousa grande parte de nossa vida social e cultural, se não toda ela.” São as emoções, de fato, que conferem tom, dinamismo, colorido e significados às interações e aos projetos humanos, servindo, em certas circunstâncias, como catalisadoras de mobilizações coletivas — com índole progressista, conservadora ou reacionária.

Os recentes estudos das emoções lançam mão de um conjunto eclético de referenciais teóricos, percursos metodológicos e materiais empíricos. Em meio à diversidade exuberante, prevalece a disposição para corrigir a miopia de duas influentes visões teóricas: 1) as proposições naturalistas que abordam as emoções como processos congênitos universais, essências pré-culturais radicadas na estrutura biológica da espécie humana; 2) as concepções subjetivistas que tratam as emoções como eventos que emanam de um núcleo íntimo alheio ou adverso às normas e às estruturas do mundo exterior; as chaves para decifrar tais manifestações da interioridade furtiva dos indivíduos estariam nas mãos, exclusivamente, dos peritos em psicologia.

A ênfase no caráter natural, espontâneo ou recôndito das “reações” emotivas obscurece o fato de que a compreensão, a vivência e a expressão de fenômenos qualificados como emocionais são construídas e contestadas dentro de ambientes normativos específicos.

Emoções ou paixões não são, simplesmente, componentes constantes da psicologia e da fisiologia humana, mecanismos inatos. Elas são configuradas, também, por histórias: a história particular de cada indivíduo e a história cultural de cada termo referente à emoção. (...) [O] que uma determinada pessoa ama ou amará depende, em primeiro lugar, do que uma comunidade convencionou denominar amor (distinguindo-o, por exemplo, de opostos possíveis como “luxúria” ou “amizade”), sendo condicionado, ainda, pelo que aquela comunidade permite ou proíbe, o que uma cultura concebe como íntimo ou inimaginável, no que concerne aos objetos e às expressões do amor (Potkay, 2007, p. vii).

A *gramática das emoções* vigente em uma sociedade ou em uma comunidade contém regras que variam conforme a condição socioeconômica, o *status*, a idade e o gênero de seus integrantes — o que equivale a dizer que dinâmicas, expressões e *performances* emotivas são moldadas por hierarquias sociais e por relações cotidianas de poder. Tal vinculação é patente, por exemplo, nas especulações e nas regulamentações sobre as formas apropriadas e as circunstâncias justificáveis para a expressão da raiva (Blauvelt, 2007, p. 116-145; Braund & Most, 2004; Fischer & Evers, 2010; Frevert, 2011, p. 89-100; Grasso, 2002; Harris, 2004; Kring, 2000; Potegal & Novaco, 2010; Rosenwein, 1988; Stearns, 1986), a manifestação do ciúme (Stearns, 1989, 2010) e o derramamento de lágrimas em público (Gertsman, 2012; Vincent-Buffault, 1988).

Árbitros do gosto, *experts* em etiqueta, guardiães da moralidade e da ordem pública (políticos, juízes, lideranças religiosas ou intelectuais), representantes de especializações científicas consolidadas ou ascendentes articulam ideais e normas emocionais ajustáveis de acordo com as identidades e os papéis considerados convenientes, em determinada

conjuntura histórica, para meninos e meninas, homens e mulheres, maridos e esposas, colonizadores e nativos, empregados e empreendedores, entre outras clivagens sociais.

Não se pode subestimar a contribuição da mídia para os processos de classificação das experiências e das condutas emocionais como razoáveis ou perigosas, saudáveis ou patológicas, produtivas ou ineficazes. De maneira sistemática, o *jornalismo de autoajuda* praticado pela TV e pelas revistas semanais de informação promove, por exemplo, o cultivo instrumental de emoções “positivas” (elusivo termo guarda-chuva que abarca o contentamento, a felicidade, a alegria, o entusiasmo...), ressaltando seus benefícios para a saúde física, o bem-estar psicológico e o desempenho produtivo (Freire Filho, 2010, 2012). A massificação dos discursos competentes a respeito da *realidade* orgânica ou dos *fatos* psicológicos das emoções “positivas” não colabora apenas para consolidar conhecimentos pretensamente objetivos — incentiva, também, o comprometimento íntimo com determinados valores e instituições, rituais e atitudes.

Após percorrer, durante quase três anos, os infundáveis relatos sobre as vantagens dos investimentos em emoções “positivas”, decidi redirecionar o alvo de minhas reflexões. Planejo esquadrihar, agora, os sentidos, as formas de expressão (atos, gestos, elocuições), os fundamentos morais, as interdições sociais e a potência política da *raiva* — uma das emoções mais ostensivamente depreciadas pelo *regime emocional da positividade*.

Resolvi iniciar minha investigação pelos espaços interativos da Internet, um caudaloso oceano de emoções. Neste congresso, apresentarei as conclusões parciais de um estudo sobre a majoritária ala feminina das comunidades de fãs e de antifãs de quatro expoentes do mercado musical juvenil: as cantoras estadunidenses Demi Lovato (20/08/1992), Miley Cyrus (23/11/1992), Selena Gomez (22/07/1992) e Taylor Swift (13/12/1989). Todas elas possuem legiões de admiradoras e de detradoras no Brasil, sempre dispostas a exprimir afinidades e aversões por intermédio de textos, imagens e vídeos postados em plataformas como Facebook, Tumblr e Youtube.³ Quais são os argumentos morais e os recursos expressivos adotados para expressar amor e ódio pelas estrelas do *pop* internacional? Que conexões significativas se pode estabelecer entre a comunicação passional das fãs e a prevalência de certos ideais de *autenticidade* e de *feminilidade*? Estas são algumas das questões inter-relacionadas que pretendo responder ao longo da minha investigação.

³ Na sondagem do *corpus* desta pesquisa, contei com a valiosa colaboração de duas bolsistas PIBIC: Sofia Elizabeth Pignataro de Lima e Carina Curzio Cassano.

Trata-se de um universo empírico com o qual já me encontrava razoavelmente familiarizado. Em um projeto de pesquisa anterior (Freire Filho, 2007), havia examinado como a revista *Capricho* — combinação atraente de manual de etiqueta, literatura de autoajuda e catálogo de compras — reiterava, a cada 15 dias, uma imagem específica da *garota ideal*: autêntica, responsável, segura de si, emocionalmente equilibrada, saudavelmente preocupada com o visual, atraente para os garotos (“sexy sem ser vulgar”) e admirada pelos colegas (“uma celebridade na sua turma”). Segundo a publicação, a adolescente estará mais perto de atingir a popularidade quando, entre outras atitudes, *acreditar em si mesma* (“valorize suas qualidades e saiba conviver com os defeitos que não conseguir mudar. Suas diferenças são o que vai te destacar do resto do grupo!”); *acreditar no seu estilo* (“é muito melhor do que copiar o dos outros”); *for bem-humorada* (“as pessoas se aproximam mais facilmente de quem sorri. Evite a cara feia”); *cuidar do visual* (“é a mesma regra do sorriso: pessoas se aproximam de quem se arruma bem”); *mostrar interesse* (“quando se mostra interesse no que uma pessoa tem a dizer, ela se sente valorizada e passa a se interessar por você também”); *vencer a timidez* (“deixe a vergonha de lado e faça com que as pessoas te conheçam. Vá às baladas, inclusive às que não forem exatamente as da sua galera. (...) Mostre seu melhor lado, não tenha vergonha de ser encantadora”); e *não se meter em encrencas desnecessárias* (“ninguém gosta de andar com quem arruma problema à toa”).⁴ Naqueles *scripts* de *performance* social e de “trabalho emocional” (Hochschild, 2003), conjugavam-se, sem dilema aparente, dois enfatizados anseios juvenis: a afirmação da autenticidade e a conquista da celebridade.

Logo após encerrar a pesquisa sobre a *Capricho*, orientei a dissertação de mestrado de Renata Tomaz a respeito do gibi Luluzinha Teen e sua turma e da revista *Atrevidinha*, artefatos midiáticos que reconheciam, definiam e moldavam a ascensão de um novo grupo etário: os *tweens*, nomenclatura aplicada pelo jornalismo e pela publicidade para designar os pré-adolescentes empoderados. As celebridades recebiam grande destaque nas páginas de *Atrevidinha* (endereçada a garotas entre 7 e 12 anos). Figuravam em reportagens de capa, matérias especiais, seções de notas e galerias de fotos, além de perfis oficiais mantidos no site da publicação. Eram quase sempre jovens, belas, brancas, ricas e... nascidas nos Estados Unidos. No período analisado por Renata Tomaz (setembro de 2009 a fevereiro de 2010), de um total de 44 bandas e artistas mencionados, apenas oito eram brasileiros. As personalidades mais prestigiadas foram: 1º) Selena Gomez; 2º) Jonas

⁴ “Os passos de uma celebritude”, 20/03/2005, p. 21-25; “Se você quer, você pode...”, 29/03/2009, p. 70-74.

Brothers; 3º) Miley Cyrus; 4º) Taylor Swift; e 5º) Demi Lovato. Com exceção de Taylor Swift, todos estrelavam seriados no Disney Channel, na época da pesquisa (Tomaz, 2011). Não foi pela mera comodidade do conhecimento prévio, no entanto, que resolvi investigar os enlaces emocionais entre as garotas brasileiras e as “divas”⁵ norte-americanas. Um singelo experimento pedagógico realizado com a turma de Teoria da Comunicação III, no início do semestre, foi decisivo para a escolha de meu objeto de pesquisa. Solicitei aos alunos (cuja idade variava entre 18 e 21 anos) que preparassem uma pequena redação, definindo — com suas próprias palavras, sem auxílio de dicionários, enciclopédias ou referenciais teóricos — o que significava ser fã. O material se revelou, em alguns casos, mais elucidativo do que as explicações elaboradas dentro dos parâmetros acadêmicos de concisão, coerência e objetividade. Os textos apresentados pelos estudantes ressaltavam, de maneira consciente ou inconsciente, os investimentos afetivos da idolatria e os embaraços para lidar com a própria condição de fã.

Ser fã é ter profunda admiração por algo ou por alguém. É querer conhecer plenamente, se envolver, dedicar tempo e energia. É transformar o objeto de sua admiração em parte do seu cotidiano, das suas amizades, conversas, compras, viagens, reflexões e lembranças; em algo significativo que vai lhe acompanhar durante um período de tempo curto, como a adolescência, ou longo, como uma vida inteira.⁶

Para mim, o fã é fã porque admira no ídolo uma característica (ou algumas) que para ele só aquela celebridade tem ou exibe melhor do que ninguém — e, claro, tem um efeito inspirador naquela pessoa. Mas, particularmente, eu não vejo como algo sério, pois em relação a quem eu admiro de verdade, eu não me coloco como fã. Por exemplo, eu sou fã da cantora Rihanna, porque gosto do estilo que ela faz, das atitudes que eu percebo através das redes sociais, das performances etc. Eu sinto um carinho por ela porque me identifico com algumas características suas e desejo imitar outras. Contudo, eu admiro muito Machado de Assis, mas não me classifico como fã dele, muito embora reconheça nele uma contribuição cultural maior do que a da cantora.⁷

A palavra fã é usada para caracterizar aquelas pessoas que admiram um artista e o seu trabalho. Que se identificam de alguma maneira seja com o artista e suas vivências ou com o seu trabalho. Eu sou fã do cantor Bruno Mars. Admiro o seu trabalho, sua voz, seu talento. Gosto das músicas, conheço se não todas, a maioria de suas músicas. Tenho seus 2 álbuns completos no celular. Vejo a tradução das letras. Mas não fico o tempo todo procurando coisas sobre ele, querendo saber de sua vida pessoal, o que ele está fazendo ou deixando de fazer. Me considero uma fã “moderada”, “sem exageros”.⁸

⁵ Denominação usada, com frequência, por fãs e pelas revistas juvenis para enaltecer celebridades do campo musical.

⁶ Laura, 19 anos.

⁷ Paula, 21 anos.

⁸ Laiane, 20 anos.

Entre todas as 22 descrições, a elaborada por Evelyn, de 18 anos, me chamou particularmente a atenção — no começo, graças ao seu empenho para exprimir, graficamente, engajamentos e hipérbolos emotivas associadas à tietagem. Uma constelação de marcas visuais — palavras com iniciais maiúsculas, escritas com CAIXA ALTA ou em **negrito** — buscava traduzir a intensidade do amor e da devoção dos fãs. Reiterados pontos de exclamação sinalizavam experiências entusiásticas; reticências assinalavam momentos de compaixão ou de ternura...

Fã é aquele que ama alguém que talvez nunca virá a conhecer.

Fã é aquele que ama alguém que talvez nunca vá saber de sua existência.

Fã é aquele que **surta** com o lançamento da música, clipe, filme do Ídolo, mesmo que ele venha a odiá-la (e ele nunca irá admitir isso! NUNCA!).

Fã é aquele que zoa do Ídolo sem dó nem piedade, mas não permite, EM HIPÓTESE ALGUMA, que o outro caçoe do mesmo.

Fã é aquele que fica feliz pela felicidade do Ídolo!!!

Fã é aquele que fica triste pela tristeza do Ídolo...

Fã é aquele que não se incomoda de ter que explicar, MILHÕES DE VEZES, “porque ele ama alguém que nunca irá conhecer, e nem sabe que ele existe”.

Fã é aquele que fica com um sorriso bobo na cara, quando o Ídolo diz o quanto é grato a ele, e que não estaria ali, se não fosse por ele...

Fã é aquele que não liga se vai ter apenas uma hora de sono, mas assiste, ATÉ O FIM, à premiação, ao festival etc. em que o Ídolo aparecerá.

Fã é aquele que **dá gritinhos** quando o ídolo aparece na televisão, nem que seja por apenas dois segundos!!!

Fã é aquele que sempre vai querer ter todos os álbuns, filmes, shows, revistas, perfumes, roupas do Ídolo.

Fã é aquele que faz a junção do seu nome + a do Ídolo.

Fã é aquele usa o sobrenome do Ídolo sempre que possível.

Fã é aquele que não tem medo, nem vergonha de gritar aos sete ventos “EU SOU LOVATIC!”, “EU SOU SMILER!”, “EU SOU JONATIC!”, “EU SOU SELENATOR!”, “EU SOU BELIEBER!”, “EU SOU DIRECTIONER!”

Encaminhado por *e-mail*, o texto finalizava com um *P.S.* intrigante: “Segue, em anexo, a foto de uma Directioner queimando um poster da Taylor Swift! Peguei em um grupo do Facebook de fãs do One Direction!”. Aquele não era, seguramente, o tipo de imagem encontrável em meu acervo da *Capricho*. Mais distante do controle parental e da rigidez dos padrões de etiqueta e bom gosto, o interativo ambiente virtual acolhe, retroalimenta e acirra as manifestações hostis das fãs adolescentes contra presumidas concorrentes ou inimigas de sua diva.

A dinâmica das interações belicosas entre as fãs funciona, geralmente, assim: em seu *blog*, “Vick”⁹ posta uma mensagem reafirmando a repulsa por Selena Gomez:

⁹ Perfil apresentado no *blog*: “Oooi aqui é a Vick e bom.. vou falar um poquinho sobre mim, bom eu amo brigadeiro, coca-cola, fast-foods, modaa, aah... e bom gosto de cantar — shiiu’ segredinho nosso — e dançar. Meus cantores favoritos são

Eu odeio essa garota, odeio odeio odeio demais! Além de tudo é falsa com todos. Tenho uma raiva imortal dela, acho que nunca vai acabar AAAAAAAAAAAAAH! Chorando de raiva dessa falasa idiotaa.¹⁰

A execração — motivada, sobretudo, por ciúmes do cantor Justin Bieber — suscitou comentários aprovativos e discordantes. De início, ocorreu um *bate-boca* entre “Pamela”, fã de Selena, e “† Gloomy†”, *SeleHater*:

“Pamela”: Porque vc odeia a selena gomez, o que ela fez pra vc, ela nem te conhece, nunca ouviu falar de vc. Sabe, eu tbm odiava a selena gomez, mais de repente eu cai na real, o que ela fez pra mim, nada, ela so ta tentando ser feliz com o amor da vida dela, cara, o justin [*Justin Bieber*] nunca ouviu falar de vc, porque vc acha que ele um dia iria namorar vc, cara nos seus sonhos pode ate acontecer, mais na vida real nunca (never), se liga, deixe eles serem felizes, sua invejosa.

“† Gloomy†”: Amor da vida dela? amor? serio, se você acha que a “Sebenta” [*Selena Gomez*]gosta mesmo do Justin, ta bem enganada, “Criatura”!!! Nós não temos inveja, só achamos que ele poderia ficar com alguém melhor, com o verdadeiro amor dele (...) Mas você tem que ACORDAR, Criatura, se ele vai ou não nos conhecer é problema nosso, não? Se toca coisinha de Merda. (...) Aff´ menininha que se acha espertinha se toca, porque você é bem burrinha. A gente pode amar e odiar quem nos bem quisermos e nesse momento você e algumas que tem sua atitude são as que eu ODEIO.

P.s: EU ODEIO e sempre vou ODIAR a SELENA GOMEZ e VOCÊ !!!

“Pamela”: criatura é o teu cu, sua vadia dos infernos. vai se fuder sua piranha vagabunda. e burrinha é a velha da sua mae, q foi burra o bastante para te dar a luz, sua corna.

Logo em seguida, a discussão convergiu para a troca de ofensas entre “Pamela”, a intrusa, e “Vick”, a criadora do *blog*, apoiada por outras *SeleHaters*:

“Vick”: Olha aqui vai te fuder, ok pamela, cada um tem o direito de falar o que quer, mas vc não pode chegar aqui xingando ninguém okay? Sua IDIOTA iludida.

“Pamela”: cala boca VADIA DOS INFERNOS.

“bianca Kangerski”: Acho que se vc entrou neese site para contrariar e dizer que não tem nada contra essa vaca, você entrou no site errado, quem ta aqui è porque odeia a selena gomez (igual a mim).

Em outras ocasiões, a polêmica é atijada de maneira proposital. Alguém lança no *Yahoo! Respostas* uma indagação provocativa: “A SELENA GOMEZ É UMA VADIA!!!!? Oo garotinha sebosa, eu sinto pena dela, guria invejosa e nojenta, fica com aquela boca

Justin Bieber, Demi Lovato e Miley Cyrus, sou SeleHater a 4 anos e belieber a 3 anos... Acho que isso é néah? Kisses com muitooo SWAG *--*”: <http://www.blogger.com/profile/08291383779956931890>.

¹⁰ EU ODEIO SELENA GOMEZ!!: <http://thebestsummer-justinbieber.blogspot.com.br/2012/02/eu-odeio-selena-gomez.html>.

borrada de batom pagando de virgem, é uma vadia.”¹¹ O texto eleito como melhor resposta tinha até um espírito conciliador (“eu tb não curto muito ela mas tb não precisa fica xingando ela né! cada um tem seu gosto ~ Boa Noite.”); o debate entre os participantes do fórum, todavia, foi bastante inflamado:

To contigo! é uma vadiia, seca, feia e putonna!

Ela eu sei q não é, mas tú é uma, e daquelas viu, e pro teu governo inveja mata, ta vadia. Vai se ***** vaca.

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK, essa guerra ainda vai dar o que falar! Mais é isso ae colega, também acho isso, a Selesma [*Selena Gomez*] é uma putinh* mesmo KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK e além de pulta é pedofilia né?

misericórdia! NAO JULGUE AS PESSOAS. a bíblia diz que do mesmo modo que julgares tbm seras julgado! cuidado. a bíblia tbm diz: “todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus.”

olha, eu sou fã da 1D [*One Direction*] e do JB [*Jonas Brothers*] tbm, mais eu te odeio só por ter falado mal da sel, vc é uma doida invejosa que nao merece respeito.

É um equívoco supor que testemunhamos, naquele espaço, simplesmente a vivência de uma maior liberdade de expressão emocional: declarações de desprezo, manifestações de asco e demonstrações de raiva não são apenas toleradas nas interações das fãs, mas constituem, em regra, uma expectativa dentro daquela “comunidade emocional” (Rosenwein, 2007).¹² Não basta amar profundamente uma diva, é preciso atacar raivosamente as competidoras e suas seguidoras. Tal compromisso é aceito com nítida hesitação ou constrangimento por parte de algumas adolescentes:

Gente, eu simplesmente não ligo para alguém que me xinga ou xinga meus ídolos, eu respeito a opinião de vocês, sério. Não sou uma monstra, tenho algumas amigas Swifeters que ficaram com raiva (ódio) de mim por causa da página, mas eu fiz a página porque fui incentivada, só por isso. Eu não sou de ir em páginas Haters dos meus ídolos, eu não gosto das postagens e não perco meu tempo com isso, e vocês? Se não gostam das postagens porque em vez de ficar xingando a gente não vai ver fotos da Taylor ou dançar e cantar as faixas de RED? Só peço que entendam que: Cada um tem sua opinião, e nós podemos nos expressar. Se você pensa que nós

¹¹ <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120712153223AAR4aXy>.

¹² Apesar de o seu foco empírico ter sido a Idade Média, a dinâmica noção de *comunidade emocional*, formulada por Rosenwein, me parece profícua para a análise da multifacetada paisagem emotiva da Internet. Em vez de um único conjunto de regras que governam a vida emocional em uma determinada sociedade, a historiadora argumenta que coexistem, em qualquer momento observado, múltiplas *comunidades emocionais* – isto é, grupos de pessoas movidas por interesses, valores, julgamentos e estilos emocionais comuns ou similares. As comunidades emocionais são reguladas por aquilo que os indivíduos nelas inseridos definem como válido ou perigoso para a existência da comunidade; pelos modos de expressão emocional que esperam, encorajam, admitem e deploram; e pelos julgamentos que constroem acerca das emoções de outros grupos.

perdemos tempo, deixe-nos perder ele... Mas, parem de tentar atrapalhar nossa page...¹³

A maioria das antifãs, porém, demonstra seguir o protocolo do ódio com notável convicção e entusiasmo. Os textos, as imagens e os vídeos confeccionados para insultar as desafetas expressam uma repugnância virulenta. Eu não ignorava, é claro, o fenômeno de expansão de discursos e de *performances* raivosas na Internet, desde as ancestrais comunidades “Eu odeio...”, criadas no Orkut. Mais recentemente, a revista *Info* destacou a “onda de ofensas, preconceitos e *cyberbullying*” que inunda as redes sociais e as áreas de comentários dos grandes portais e sites de notícias (notadamente, quando o assunto é política ou esporte).¹⁴

Mesmo ciente da agressividade que campeia em múltiplas plataformas de interação *on-line*, surpreendi-me com o tom das declarações das oponentes de Demi Lovato, Miley Cyrus, Selena Gomez e Taylor Swift. O pensamento ocidental costuma tratar a emoção como atributo feminino e a razão como apanágio masculino. A definição das mulheres como criaturas emotivas subentende, entretanto, a experiência de emoções “mansas”, “pacíficas” (Jimeno, 2004) — distintas, portanto, da raiva, que “sugere ação, baseia-se na posse de direitos e implica poder” (Blauvet, 2007, p. 119). Ao vasculhar enciclopédias e textos filosóficos alemães do século XVIII e XIX, Frevert (2011) se deparou com duas visões alternativas acerca da incompatibilidade entre as mulheres e a ira. Alguns autores conjecturavam que as mulheres eram incapazes, por natureza, de experimentar a raiva — devido à estrutura frágil, delicada, elas estariam constitutivamente desqualificadas para atuar, de modo enérgico, em benefício próprio, tendendo mais para a astenia. Na opinião de outros observadores, o traço diferencial não era a ausência de vigor físico, mas a incapacidade de autocontrole emocional. Faltavam às mulheres a força de vontade e a disciplina moral para moderar seus rompantes de fúria ou para conduzir o ímpeto da raiva em direção a objetivos públicos nobres, como reparar injustiças, defender a nação ou proteger os mais fracos (incluindo, claro, as próprias mulheres). A propagação destes diagnósticos tornou recomendável, para as mulheres ciosas de sua reputação, o trabalho emocional de evitar ou de ocultar a raiva, tanto no ambiente doméstico quanto na esfera pública. Diversos estudos apontam que, ainda hoje, a maneira predominante de as mulheres expressarem raiva é vertendo lágrimas, uma forma mais suave ou passiva de demonstrar descontentamento.

¹³ <https://www.facebook.com/taylorvadiaswift/posts/495913237119938>.

¹⁴ “Ódio.com”. *Info*, maio de 2013, p. 54-63.

Os gestos raivosos das antifãs contrariam tais expectativas estereotipadas sobre o comportamento emocional das mulheres. No lugar do silêncio ou do choro, violentos ataques verbais e a montagem de imagens ultrajantes, geralmente de conteúdo sexual:

Meu nome é Mariana, e sim, EU ODEIO A MILEY CYRUS. Eu simplesmente odeio tanto, tanto. Smilers não são bem vindos, mostro minha opinião sim e foda-se se não gosta. Vou falar mal da Miley Cyrus, sim, fale o que falar. Não vou aceitar falar que a Selena é uma puta, porque ao contrario da Miley, *ela não fez um bolo de pênis pro namorado dela*.¹⁵

Cara... vamo combinar uma situacao... a taylor [*Taylor Swift*] eh uma FDP... Uma branquela nojenta, desnutrida, ridicula... (...) ve se SOME pq vc jah dexo MUITAS pessoas co RAIVA de vc... ahhh... vai pra Índia... lah as vacas são SAGRADAS, sua nojenta.¹⁶

Na boa, como vocês querem que eu respeite **isso**? Como vocês querem que eu respeite alguém que nem se respeita? Como vocês querem que eu respeite alguém que quase dá o cú no **meio do palco**? Como vocês querem que eu respeite alguém que não tem nem um pingo de vergonha nessa cara gorda? Desculpa aí, mas se nem ela tem **respeito**, não sou eu que vou ter...chupem essa **Lovatics!** [*fãs de Demi Lovato*]¹⁷

Essa menina aqui é lovatic, então a odeiem pvfr https://twitter.com/erica_carolinaa, ela é rusher [*fã da boy band Big Time Rush*] um coisa que eu odeio tambem, Bando de viado, e selenator (outra puta amiga da gorda).¹⁸

Em vez de propor explicações psicológicas para o fenômeno do “Ódio.com”, como fizeram os autores da matéria da *Info*, preferi examinar os fundamentos morais da indignação das antifãs, identificando os valores articulados e as crenças acionadas nas trocas de impropérios. Para o desenvolvimento de minha análise, apoiei-me em trabalhos do campo da filosofia, da antropologia e da história que salientam a peculiar dinâmica cognitiva que diferencia as emoções de apetites, prazeres, sensações ou humores. De acordo com esta perspectiva analítica, as emoções são fenômenos sensíveis vinculados a processos avaliativos — incorporam pensamentos a respeito de nosso próprio bem-estar e do daquelas pessoas e coletividades, próximas ou distantes, com as quais efetivamente nos importamos, ainda que de maneira inconsciente.¹⁹

¹⁵ I hate Miley Cyrus. <http://b-itcmiley.tumblr.com/>.

¹⁶ <http://www.zubaloo.com.br/blog/?p=1208>.

¹⁷ <http://demi-vagaba.tumblr.com/post/22604719923/demetria-lovaca-na-boa-voces-querem-que-eu>.

¹⁸ <https://www.facebook.com/EuodeioaDemiLovato?fref=ts>.

¹⁹ “Emoções são pensamentos de alguma maneira ‘sentidos’ em rubores, pulsações, ‘movimentos’ de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, peles. São pensamentos *incorporados*, pensamentos atravessados pela percepção de que ‘eu estou envolvido’. A distinção entre pensamento e afeto traduz, portanto, a diferença entre a mera escuta do choro de uma criança e a escuta *sentida* — como aquela que ocorre quando alguém percebe que há perigo envolvido ou que a criança que chora é o seu próprio filho.” (Rosaldo, 1984, p. 143); “Se eu sucumbo, temerosamente, às pressões de um chantagista, aquele medo não é apenas um impulso elétrico que me abala internamente: seu caráter doloroso deriva dos pensamentos

Expressões como “Tive ódio”, “Fiquei com raiva” e “Senti nojo” são aplicadas, em geral, pelas *haters* adolescentes quando abordam eventos ou posturas que parecem confrontar seus princípios morais, vinculados ao campo da criação artística ou da conduta sexual. No que tange à produção artística, prevalece o elogio à *autenticidade*: as fãs esperam que sua diva mantenha a *integridade emocional*, mesmo pertencendo ao *casting* de grandes corporações do entretenimento e atuando dentro de rígidas convenções genéricas (musicais ou televisivas). Mantendo-se fiel a seu núcleo afetivo íntimo, a artista traduziria, *espontaneamente*, expectativas, temores e desgostos comuns a todas as adolescentes (paixões; decepções amorosas; incompreensões, preconceitos e isolamento social). Ao enfatizar a dimensão autobiográfica de diversas canções, Taylor Swift e Demi Lovato reforçam a crença de que aquelas obras foram concebidas com o intuito de externar sentimentos *verdadeiros*, suscitados por experiências marcantes, em vez de basearem-se no apego a fórmulas musicais de êxito já comprovado. A *ética da autenticidade* recobre, também, a reivindicação de originalidade no âmbito da aparência e da moda.

Eu amo a Taylor Swift. Ela é linda por dentro e por fora. Ela nunca mudou desde que se tornou famosa. Ela merece o nosso respeito por isso. Ela nunca deixou que a fama lhe subisse à cabeça. (...) Todas as garotas podem se identificar pelo menos com uma música da Taylor. Ela escreve sobre sua vida mas parece que nós (garotas) já passamos por tudo o que a Taylor já passou na sua vida. Fantástico!
Taylor Swift = ♥²⁰

Depois de Taylor sair da frustração tirando onda com Joe [Joe Jonas, da banda Jonas Brothers] num vídeo em sua página do MySpace, a garota de 19 anos transforma todas essas lições duras de amor em bons conselhos e ótimas músicas. Cada música do seu mais novo álbum de sucesso é baseada numa experiência pessoal. Eu me identifico com todas as letras dela, costumo dizer que a Taylor Swift diz tudo o que as meninas sempre quiseram dizer e o Bruno Mars diz tudo o que elas sempre sonharam em ouvir.²¹

que contém sobre o estrago que eu posso enfrentar. Se eu ataco uma pessoa que acabou de violentar meu filho, a minha raiva, repetindo, não é um mero impulso insensato. Ela envolve um pensamento acerca do terrível dano que meu filho acabou de sofrer e acerca da incorreção do ato do agressor. (...) Não ficamos com raiva por causa de gestos insignificantes de desdém (ou, quando ficamos, é porque os julgamos mais relevantes do que são). Não sentimos pesar pela perda de alguma coisa que nos parece inteiramente fútil. Às vezes, de fato, a experiência revela padrões de avaliação a respeito dos quais não tínhamos ciência. A reação de uma pessoa perante a morte de um amigo pode informá-la sobre o real valor daquele indivíduo em sua vida. A raiva diante de um insulto à aparência de uma pessoa pode revelar que ela atribui mais importância ao seu visual do que ela pode ter admitido para si mesma.” (Nussbaum, 2004, p. 10 e 29); “Diferentemente do simples prazer — p.ex., a sensação de uma brisa suave sobre o corpo quente — a alegria, como todas as paixões, envolve pelo menos alguma avaliação cognitiva, algum julgamento ou alguma crença sobre aquilo que é de valor duradouro para nós, como sujeitos, e/ou para o mundo, de maneira mais geral. O prazer da brisa suave somente ascende à experiência da alegria na medida em que se torna, nas palavras de Locke, ‘um deleite da mente’, como pode ocorrer, por exemplo, se a pessoa aliviada pela brisa associá-la, consciente ou inconscientemente, à maravilha da natureza, ao designio benevolente do criador cósmico ou ao sentimento geral de que seu modo de vida (p.ex., viver com uma consciência leve próximo às brisas do oceano) é satisfatório.” (Potkay, 2007, p. 7).

²⁰ <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100917155113AASZz3t>.

²¹ <http://www.certascoisas.com/eu-amo-taylor-swift/>.

Não sei porque a cada dia mais eu me apaixono pela Taylor. Não só a música: o estilo, as maquiagens, penteados e a atitude da cantora. (...) ela tem um estilo romântico, super fofo e as músicas dela são perfeitas para quem esta apaixonado, quem esta deprimido por não estar apaixonado e quem curte mesmo uma música romântica, ou seja: praticamente todo mundo que escuta, curte. Ela tem mudado bastante o cabelo, o estilo de roupa, mas as musicas continuam mega fofas e com letras que refletem o estilo meigo dela.²²

A amo pela sinceridade que ela deposita em suas músicas.

Por ela mostrar em suas canções que o verdadeiro amor existe sim e que não devemos desistir de ter o nosso “conto de fadas”.

Que não devemos mudar o que somos para agradar alguém...

Taylor Swift você é uma inspiração pra mim...e tenho certeza que é também para varias outras garotas!²³

As *haters* se dedicam, por sua vez, a desmascarar publicamente as desafetas, expondo o fingimento ou o pragmatismo emocional que nortearia suas relações com a própria obra, namorados, amigas e fãs. O objetivo é desvelar, enfim, a personalidade interesseira e manipuladora que se esconde por trás de uma fachada afetuosa.

Se vcs já repararam, a Miley Cyrus e Selena Gomez eram muitas amigas antigamente, agora elas já nem mais se falam, muita gente diz por ai que elas não se dão bem! Motivo: A Miley sempre foi uma garota muito invejosa... Eu nunca gostei e nunca vou gostar dessa tal de Miley, quem for fã dela, é melhor que nem responda! Muito falsa ela, ela pode enganar todo mundo, menos eu!²⁴

oi meu amores :D, eu to aqui pra falar o quanto eu odeio essa puta da Miley => como todos aqui, bom, pra começar, eu odeio a miley, porque ela é falsa, não mostra o que ela é de verdade. (...) TE ODEIO MILEY CYRUS, e pra vocês, eu amo todos => juntos sempre contra a miley, escrevendo nossos motivos, e rindo smp por ela ser a maior besta *-*.²⁵

Eu odeio a Miley Cyrus e tirei as seguintes conclusões:

- 1- Ela tem uma voz que nos enjoa, uma voz de pato roco.
- 2- Ela é muito vulgar e se faz passar por santinha.
- 3- Ela manipula a mente das fãs que nem a Igreja Universal pedindo díizimo.²⁶

Selena é a pessoa mais falsa que eu já vi. Eu tenho orgulho de ser Selehater. Odeio ver a Selena do lado da minha Taylor, ela é tão pura... Tenho medo da Selena estragar isso.²⁷

Um dos motivos mais apontados para odiar Selena Gomez é que ela não passaria de uma “chupa-fama” — ou seja, de alguém que se aproxima de artistas no auge da notoriedade, abandonando-os tão logo diminua sua projeção midiática; ingênuos, os jovens

²² <http://www.senhoritaliberdade.com/2012/12/10-musicas-apaixonantes-da-taylor-swift.html>.

²³ <http://tay13alisonswift.blogspot.com.br/2011/02/eu-amo-taylor-swift-por-que.html>.

²⁴ Yahoo Respostas: Será que eu sou a única aqui que odeia a Miley Cyrus? http://br.answers.yahoo.com/question/index; ylt=AhxZ9_344NauoJh2k35YJCrI6gt.; ylv=3?qid=20120718184003AAg0Xde.

²⁵ <http://teodeiomiley.blogspot.com.br/>.

²⁶ http://www.youtube.com/watch?v=v_RtSHvrc2s.

²⁷ <http://confissoeselehater.tumblr.com/>.

galãs sempre sucumbem às suas investidas fatais... Já Demi Lovato é acusada, principalmente, de querer tirar proveito da condição de vítima. Para as fãs, Demi é uma figura inspiradora, uma espécie de *heroína da cultura terapêutica*. Superou um rosário tétrico de eventos traumatizantes e problemas psicológicos — *bullying*, automutilação, distúrbio alimentar, depressão, estresse pós-traumático e transtorno bipolar.²⁸ De acordo com seu empresário, a artista “decidiu se tornar responsável por seus atos e procurar ajuda”²⁹, internando-se em uma clínica de reabilitação, em novembro de 2010. “Demi é fonte de inspiração para um montão de garotas que passam por uma fase difícil”, confirmou a repórter de *Atrevida*. “Afinal, a cantora sambou de salto agulha na cara da sociedade e calou a boca de muita gente (sorry!) — principalmente daqueles que diziam que ela seria a nova garota problema de Hollywood.”³⁰ O comentário circulou em inúmeros *blogs* e páginas do Facebook, editado, amiúde, com os realces gráficos característicos da comunicação passional das fãs.

As *haters* de Demi questionam, entretanto, a veracidade ou a relevância dos infortúnios registrados na biografia da artista; observações mordazes acerca de seu sobrepeso também são frequentes:

É, eu realmente não gosto da Demetria, acho ela uma fingida, gorda, feia, retardada, imbecil, idiota, fingida, psicopata... Lovatic's vocês REALMENTE acreditam nessa história boba dela? Que ela sofria bullying e blá, blá, blá? Sério? Vocês são um bando de idiotas, velho, ela só finge isso, a maioria de vocês tem ela como inspiração porque? Porque ela cortava os pulsos e agora se levantou like a skyscraper [*referência ao refrão de Skyscraper, um dos hits de Demi*]? Sério? Cara, se ela cortava os pulsos era porque ela queria, e eu conheço muita gente que cortava os pulsos e parou e nem por isso essa pessoa é a minha inspiração, outra, se ela cortava os pulsos era porque ela queria morrer, ou seja, não tava nem ai pra família, amigos, fãs, etc. E quem realmente corta os pulsos por sofrimento não sai contando pra meio mundo isso. Ah mas ela tentou esconder, sério? Mesmo? Quem tenta esconder não inventa uma bosta de uma música dizendo que melhorou. Ela só foi internada nesse hospital de reabilitação porque usava drogas, mas isso ela não gosta que ninguém saiba, ou você acha que alguém é internado por cortar os pulsos?

²⁸ “Um exemplo de pessoa pra muita gente inclusive pra mim, uma pessoa que enfrentou vários problemas quando era criança e agora é uma das melhores cantoras internacional. Uma garota comum que tem sonhos, tem ídolos e tem muita força de vontade.” (http://www.flogvip.net/fc_demilovato/11501045); “Não creio que você saiba o quão orgulhosa eu estou de você. É incrível lembrar como você era antes. Sempre sorria, escondia os seus problemas e com tantas ‘pistas’ eu nunca entendi. Mas olhe, veja no espelho o que você é hoje. Você é uma mulher cheia de força. É difícil falar de você sem que alguma lágrima apareça no meu rosto, é difícil não morrer de orgulho. Você é uma inspiração, é uma das melhores coisas que podiam ter aparecido na minha vida.” (<http://www.tumblr.com/tagged/demi%20eu%20te%20amo>); “ela é uma guerreira, minha inspiração td vez q penso em desistir de algo, lembro dessa diva q suportou tantas criticas dsd pequena q superou td até aki firme e forte, q hj é uma estrela admirada por milhoes de fãs no mundo (...) sempre estarei disposta a defender ela, com td orgulho de ser lovatic pq ela sim é uma guerreira e merece respeito meu e seu” (<http://www.youtube.com/watch?v=sgjBzCdTTY>); “Nos momento de dor, fraqueza, e tristeza eu lembro da DEMI. Lembro do que ela passou, e começo a sorrir. Faça o mesmo. Se ela superou, você também supera.” (<http://www.youtube.com/watch?v=WDmoB0jmziw>).

²⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Demi_Lovato.

³⁰ De bem com a vida. *Atrevida*, agosto de 2012, p. 35-37.

(...) Eu conheço pessoas que sofrem bullying e nem por isso se cortam e são famosos.³¹

Não gosto de coisa falsa e dramática. Demi Lovato só ficou famosa e conhecida depois daquele episódio dos cortes. Coincidência? Não, meus caros. Depois que ela saiu de lá, começou a usar roupas vulgares, vestidos justos no busto e bem decotados, pra parecer gostosa. Demi JÁ FOI como um desses aí que a Disney mostra na mídia e chama de “artista”, agora ela só é alguém que cresceu em cima de dramas.³²

Como assinaei antes, as fãs demandam que os ídolos estejam genuinamente sintonizados com os próprios sentimentos na hora de escrever canções, conceder entrevistas, fazer confissões *on-line*, realizar *shows* e videoclipes. Atentas, as celebridades não se cansam de frisar que seguem suas próprias emoções, sua *voz interior*, sem interferências de pressões, interesses ou modelos “impostos de fora”. “Peguei todos os escândalos e fiz deles parte da minha música e da minha história. Eu quero viver a minha vida sem filtros. Não quero andar pisando em ovos. Digo o que quero e sou muito livre”, garantiu Demi Lovato à edição norte-americana da *Cosmopolitan*.³³

A proclamada adesão à “ética da autenticidade” (Taylor, 2001, 2003; 2007) — o compromisso com a autoexpressão integral, a obrigação de viver de acordo com a própria originalidade — pode entrar em conflito com os horizontes morais das fãs adolescentes, sobretudo quando envolve a conduta sexual.³⁴ No desenvolvimento de sua carreira, as divas *teen* encontram dificuldades para desempenhar o papel modelar atribuído no princípio do estrelato, quando foram promovidas como ícones da “boa menina”. Com o objetivo de conquistar novos segmentos e faixas etárias do público consumidor, adotam posturas *que*, muitas vezes, decepcionam e irritam frações do público adolescente.

Reconhecendo a primazia moral da autenticidade, algumas fãs assumem uma atitude respeitosa ou pelo menos tolerante em relação às guinadas de comportamento de suas artistas favoritas — as exposições públicas de sensualidade, as poses e as roupas mais

³¹ <http://demi-vagaba.tumblr.com/page/96>.

³² <http://haterofdemi.tumblr.com/>.

³³ <http://ego.globo.com/ego-teen/noticia/2013/06/demi-lovato-posa-com-sutia-mostra.html>.

³⁴ Em sua investigação etnográfica sobre hábitos e valores preponderantes na “roda intelectual-artística-boêmia carioca” do início dos anos 1970, Gilberto Velho já observara como as convenções de gênero impunham restrições específicas às práticas orientadas por uma *ética da autenticidade* (fazer e trabalhar no que se quer; viver assumindo suas emoções e sentimentos; ser um artista de vanguarda; não ser pessoalmente “quadrado”, “careta”, “pequeno-burguês”...). Opondo-se à moral hipócrita dos pais (“inautênticos, formais e reprimidos”), o grupo valorizava um modelo de casal cujos membros eram “pessoas autônomas”, “independentes”, com “vida própria”. Todos defendiam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ainda assim, segundo o relato do antropólogo, “em dois casos, pelo menos, mulheres foram fortemente discriminadas por terem cometido ‘infidelidades’”. (...) Em certas situações, como festas, um certo clima de liberalidade conjugal era não só valorizado, como incentivado. No entanto, especialmente no caso das mulheres, quando um passo mais drástico e definitivo era tomado, poderia haver uma forte reação moralista. Basicamente, se a mulher fosse o primeiro membro do casal a ostensivamente tomar a iniciativa de uma aventura extraconjugal, a reação era muito vigorosa.” (Velho, 2008, p. 57).

erotizadas, os flagrantes de consumo de álcool ou de drogas que movimentam o jornalismo de celebridades.

Sou fã de Miley Cyrus, muita gente fala que ela é muito polêmica, e eu sei disso mas amo ela, errar é Humano né verdade.

Miley ensina (e faz) as coisas que gosta sem medo (...)

Mas não é só por isso, a Miley demonstra ser diferente mesmo, ela se inspira e tem seu estilo, mas o que admiro nela é o que ela faz, o que quer como quer, não tem medo de ser como é, ela é ÚNICA.³⁵

Thamires Marinho: Eu gosto da Miley, não concordo com muitas das atitudes dela, como por exemplo usar Saúvia [*sites de fofoca afirmaram que a artista teria fumado sálvia em sua festa de 18 anos*] ou fazer piadas sobre drogas o tempo todo, acho que no meio daquela ansiedade de querer crescer ela se perdeu nisso e acabou tomando atitudes precipitadas para se livrar dessa imagem, tem outras formas de mostrar que vc amadureceu, mais independente de tudo isso, acho ela uma ótima artista, canta muito bem, atua muito bem, e é verdadeira consigo mesmo, ela mostra quem ela é e não liga pras críticas alheias.

Fernanda Styles: Vocês ficam por aqui falando mal das atitudes da Miley, sinceramente? Eu sempre fui fã dela, desde a época de Hannah Montana, e foi ótimo ela ter mostrado como ela realmente é, a Disney controlava ela, vocês ficam julgando as atitudes dela como se ela fosse um robô, ou como se ela fosse a única que faz isso, a vida é dela e ela é maior de idade.³⁶

O comportamento sexual se mantém, todavia, como o alvo predileto dos ataques das antífãs que aderem ao tradicional padrão de recato feminino. As artistas que alegadamente se afastam deste modelo de conduta são tachadas de “vacas”, “piranhas”, “vadias” ou “putas”.

Uma coisa que eu sempre falo aqui no blog, é o fato de a miley trocar de namorado toda semana, não adianta negar, toda vez que eu venho postar a miley trocou umas 3 vezes de namorado, é só fazer um filme novo, ir no shopping, dar a bunda, que a miley acha um novo amor de sua vida (...) Eu não vi o novo clipe da miley, e nem quero, mas ouvi que é super sensual (WTF), um dos motivos que eu não quero ver, miley sensual deve dar medo, quero dormir de noite, mas, os pais dela aprovam, como que pais podem aprovar isso? se minha filha fosse puta como a miley eu bateria nela até ela virar gente, mas se ela dissesse que ficaria pelada num filme, eu mataria, porque não tem mais solução, mas todos deveriam saber, a miley não tem mais solução.³⁷

Na época de Hannah Montana, ela era mais “Comportada”, mas agora ela mostrou quem ela é. Ela troca de namorado igual troca de roupa. Eu estou aqui para desabafar a Raiva que sinto por esta cantora. Os fãs delas são crianças, isso mesmo crianças de 5 a 13 anos, em média. Ela é polêmica como a Britney Spears, como a

³⁵ De quem você é fã? Quais são os 10 motivos para você ser fã de alguém? http://br.answers.yahoo.com/question/index;_ylt=Arft35CdtCp7TWGfD5uTDLnx6gt.;_ylv=3?qid=20110709172044AAfO53X.

³⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=p-pYQbTPtaQ&NR=1&feature=endscreen>.

³⁷ <http://teodeiomiley.blogspot.com.br/>.

Lady Gaga, como a Rihanna, entre outros que a criançada adora. A Miley Cyrus é uma Puta. Em outras palavras, isto é exemplo para as crianças, o futuro da pátria? As músicas delas são irritantes, e minha irmã fala com todas as letras “Eu amo a Miley”, ela está mal na escola e se achando que é uma adulta que nem Miley Cyrus. Miley Cyrus manipula mentes. Podem falar e murmurar deste vídeo, mas nada tira a nossa razão, a razão da verdade. As músicas delas são desnorteadas e não ensinam nada de bom.³⁸

HATERS Of Taylor: Ela é falsa, se faz de anjinho mas na verdade é uma vadia, em 2 anos ela namorou 13 garotos e logo depois dos namoros faz musicas tristes e se faz de coitadinha, como se fosse a santinha da história!³⁹

De acordo com a acertada definição metafórica de Grasso (2002, p. 12), a pessoa enraivecida assume o papel de juiz em um julgamento que submete ao escrutínio público a conduta e as ações de malfeitores. Fiel à tradição da crítica feminista norte-americana dos anos 1970, a autora ressalta o valor político da raiva, caso ela seja endereçada ao verdadeiro inimigo — as relações pessoais e institucionais opressivas.⁴⁰

Embora possam ser avaliadas como exemplo *gritante* da ampliação do repertório emocional feminino, as expressões de raiva das antifãs não parecem conectar-se, diretamente, com os ideais de justiça social preconizados por Grasso. O que não significa dizer que os gestos da indignação juvenil sejam descartáveis. As demonstrações de raiva que apresentei no decorrer deste artigo constituem, a meu ver, respostas multifacetadas das adolescentes às possibilidades de identificação oferecidas pelas indústrias do entretenimento, em suas tentativas de assimilar, lucrativamente, aspirações sociais de autenticidade e de revisão dos padrões de feminilidade. Os discursos das antifãs põem em questão, por exemplo, o modelo de *performance* acentuadamente erotizada que a mídia consagrou como *a* representação de uma nova subjetividade feminina juvenil — assertiva, energética, *empoderada*, livre dos constrangimentos da feminilidade passiva. Neste sentido, pode-se dizer que as celebridades *teen* globalizadas funcionam como quadros midiáticos de referência com base nos quais as garotas brasileiras avaliam, discutem, moldam e regulam moralmente suas condutas e suas aspirações.

A raiva possui, enfim, complexas e distintas razões, fontes, significados, efeitos. Investigar suas manifestações nos ambientes virtuais pode fornecer pistas bastante

³⁸ http://www.youtube.com/watch?v=v_RtSHvrc2s.

³⁹ https://www.facebook.com/hateroftaylor?hc_location=timeline.

⁴⁰ “Em ensaios, discursos, manifestos e ações diretas, as revolucionárias feministas livraram a raiva de suas conotações pejorativas, dissociando-a do medo, da destruição e da masculinidade, e vinculando-a com a coragem, o crescimento e a irmandade. Elas reconheceram a relação da raiva com a consciência política individual e coletiva; elas teorizaram acerca de seu potencial para tornar-se ‘uma poderosa fonte de energia em prol da mudança e do progresso’; elas desfrutaram de suas capacidades transformadoras. A raiva exigiu atenção, fomentou entendimento, arte, ação; ela expôs conhecimentos que haviam sido enterrados, discursos que tinham sido silenciados.” (Grasso, 2002, p. 4).

concretas acerca dos valores, das identidades e das práticas que diferentes grupos ou comunidades sentem que é importante, atualmente, conservar ou modificar.

REFERÊNCIAS

BLAUVELT, Martha Tomhave. **The work of the heart: young women and emotion, 1780-1830.** Charlottesville: University of Virginia Press, 2007

BRAUND, Susanna & MOST, Glenn W. (eds.). **Ancient anger: perspectives from Homer to Galen.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DOMÉNECH, Rosa María Medina. Sentir la historia. Propuestas para una agenda de investigación feminista en la historia de las emociones. *Arenal*, vol. 19, n. 1, 2012, p. 161-199.

FISCHER, Agneta H. & EVERS, Catharine. Anger in the context of gender. In: POTEGAL, Michael *et al.* (eds.). **International handbook of anger: constituent and concomitant biological, psychological, and social processes**, p. 349-360. Nova Iorque: Springer, 2010.

FREIRE FILHO, João. A tirania da positividade: formas e normas da vida feliz no *Globo Repórter*. In: GOMES, Itania Maria Mota (ed.). **Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**, p. 75-96. Salvador: UFBA, 2012.

_____. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, João (ed.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**, p. 49-82. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. Como ser uma “adolescente liberada” no terceiro milênio. In: **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e a micropolítica do cotidiano**, p. 111-162. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

FREVERT, Ute. **Emotions in history: lost and found.** Budapeste: Central European University Press, 2011.

FURETIÈRE, Antoine. **Dictionnaire universel.** Paris: La Haye, 1727.

GERTSMAN, Elina (ed). **Crying in the Middle Ages: tears of history.** Nova Iorque: Routledge, 2012.

GRASSO, Linda M. **The artistry of anger: black and white women’s literature in America, 1820–1860.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.

HARRIS, William. **Restraining rage: the ideology of anger control in classical antiquity.** Cambridge: Harvard University Press, 2004.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The managed heart: commercialization of human feeling.** Berkeley: University of California Press, 2003.

JIMENO, Myriam. **Crimen pasional: contribución a una antropología de las emociones.** Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, 2004.

KRING, Ann M. Gender and anger. In: FISCHER, Agneta H. (ed.). **Gender and emotion: social psychological perspectives**, p. 211-231. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

NUSSBAUM, Martha C. **Hiding from humanity: disgust, shame, and the law**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto, MG: Typographia de Silva, 1832.

POTEGAL, Michael & NOVACO, Raymond W.. A brief history of anger. In: POTEGAL, Michael *et al.* (eds.). **International handbook of anger: constituent and concomitant biological, psychological, and social processes**, p. 9-26. Nova Iorque: Springer, 2010.

POTKAY, Adam. **The story of joy: from the Bible to late Romanticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ROSALDO, Michelle Z.. Toward an anthropology of self and feeling. In: HARDING, Jennifer & PRIBRAM, E. Deidre (eds.). **Emotions: a cultural studies reader**, p. 84-99. Nova Iorque: Routledge, 2009.

ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional communities in the early Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2007.

_____ (ed.). **Anger's past: the social uses of an emotion in the Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 1998.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

STEARNS, Carol Z. & STEARNS, Peter N. **Anger: the struggle for emotional control in America's history**. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

STEARNS, Peter N. **Jealousy: the evolution of an emotion in American history**. Nova Iorque: New York University Press, 1989.

STEARNS, Peter N. Jealousy in western history: from past toward present. In: HART, Sybil L. & LEGERSTEE, Maria (eds.). **Handbook of jealousy: theory, research, and multidisciplinary approaches**, p. 7-26. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2010.

STEARNS, Peter N. & STEARNS, Carol Z. Emotionology: clarifying the history of emotions and emotional standards. **American Historical Review**, vol. 90, n. 4, p. 813-836, 1985.

TAYLOR, Charles. The age of authenticity. In: **A secular age**, p. 473-504. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

_____. The expressivist turn. In: **Sources of the self: the making of modern identity**, p. 368-403. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2001.

_____. **The ethics of authenticity**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOMAZ, Renata. Da negação da infância à invenção dos *tweens*: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea. Dissertação Mestrado. Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VELHO, Gilberto. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. **História das lágrimas**: séculos XVIII-XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WOODWARD, Kathleen. Global cooling and academic warming: long-term shifts in emotional weather. **American Literary History**, vol. 8, n. 4, 1996, p. 759-779.